

Corpo-a-corpo com a fotografia: arte e ativismo político

Hand-to-hand with photography: art and political activism

Yuri Gabriel Campagnaro

<http://lattes.cnpq.br/8866130623225819>

<https://orcid.org/0000-0001-9337-6274>

yuri.gabriel@gmail.com

Doutorando do Programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR na linha de Mediações e Culturas e artista visual. O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq (Código do Projeto: 40106120191; Código da Bolsa: processo 141850/2020–5).



Figura 1. Yuri Campagnaro. Sem Título. Fotografia analógica. 2012. Caminhada Revelando Curitiba.

Resumo: Entre 2012 e 2016, fotografei diversos eventos políticos que participava, na cidade de Curitiba. Usando fotografia analógica, as poses repetiam enquadramentos, temáticas, uso de luz e sombra e relação com as pessoas participantes. Trabalhos fotográficos em movimentos sociais costumam ser ligados ao fotojornalismo e criticados por sua objetividade. Apesar de ser vista dessa forma na cultura contemporânea, parte da crítica ao realismo leva a um hermetismo formalista que afasta arte da política. No caso, a fotografia em questão busca um corpo-a-corpo com a vida, voltada para a transformação social.

Palavras-chave: Fotografia, movimentos sociais, realismo

Abstract: Between 2012 and 2016, I photographed numerous political events that I participated in the city of Curitiba. Using analogue photography, the poses repeated framing, themes, use of light and shadow and relationship with the participating people. Photographic artworks in social movements are usually linked to photojournalism and criticized for its objectivity. Despite being seen that way in contemporary culture, part of the critique of realism leads to a formalist hermeticism that distances art from politics. In this case, the photographs in question seek a hand-to-hand contact with life, focused on social transformation.

Keywords: Photography, social movements, realism

Durante o ano de 2012 até 2016, produzi um trabalho visual com fotografia analógica, o que acabou servindo de escola poética e visual para meu trabalho posterior, com desenho e gravura. Esse trabalho consistia, principalmente, em registros da militância política, à qual era engajado. Em 2012, participei da Caminhada Revelando Curitiba (Figuras 1 e 2), em que um grupo de cerca de dez pessoas andou por quatro dias, por mais de cinquenta quilômetros, em Curitiba, uma cidade que, no ano anterior, havia sido considerada pelo Relatório das Cidades da ONU a 17ª cidade mais desigual de todo o mundo (CALDAS, 2019). Foi utilizado um filme colorido de 36 poses, 35mm, iso 200, Proimage da Fuji, em uma Yashika MG-1 Rangefinder.



Figura 2. Yuri Campagnaro. Sem Título. Fotografia analógica. 2012. Caminhada Revelando Curitiba.

Participei da organização desse evento, construído para sintetizar um acúmulo coletivo, no caso do Movimento Popular por Moradia de Curitiba, sobre o urbanismo excludente da cidade, debate desenvolvido a partir da militância em ocupações de terra urbana e reivindicações por regularização fundiária e direito à cidade. A caminhada, assim, passava por marcos urbanos importantes, como os eixos estruturais de desenvolvimento, e por comunidades onde já se tinha relação política, como a Associação de Moradores do Sabará, na Cidade Industrial de Curitiba, ou a comunidade do Itaquí, em São José dos Pinhais.

A primeira foto (figura 1) reitera os fortes contrastes da cidade. Pessoa contra construção, pedestre contra carro, em uma caminhada contra a luz, que se encontra no fim de um túnel, quase uma saída da caverna de Platão. Na figura 2, destaca-se como a cidade nasce, construída, pelo trabalho humano. A intenção inicial de registro dos eventos exibem enquadramentos em primeira pessoa, onde se nota a posição de parte dos atos, não como um observador externo. Não oculte minha presença, fazendo um registro discreto, mas não escondido, muitas vezes chamando as pessoas para a foto. Isso também se deve à relação de proximidade com os cenários e pessoas retratadas, em geral, companheiros de militância.

As demais fotografias estão inseridas no debate sobre a cidade, mas ocorreram em outros eventos, como o abril vermelho do Movimento Popular por Moradia (figuras 3 e 4), Marcha das Vadias (figuras 5 e 6) e eventos em comunidades (figuras 7 a 10). As vantagens da fotografia analógica estavam em seu custo barato à época, sua necessária economia de poses, sua agilidade devido ao foco rangefinder, seu tamanho pequeno e seus cliques silenciosos, o que possibilitou uma discrição que não intimidava os fotografados.



Figura 3. Yuri Campagnaro. Sem Título. Fotografia analógica, CIC, Curitiba, 2012. Abril Vermelho do MPM.



Figura 4. Yuri Campagnaro. Sem Título. Fotografia analógica, CIC, Curitiba, 2012. Abril Vermelho do MPM.



Figura 5. Yuri Campagnaro. Mari. Fotografia analógica, Curitiba, 2013. Marcha das Vadias.



Figura 6. Yuri Campagnaro. Sem título. Fotografia Analógica. Curitiba. 2012. Marcha das Vadias.



Figura 8. Yuri Campagnaro. Futebol do Oprimido. Fotografia analógica, Ganchinho, Curitiba, 2012.



Figura 7. Yuri Campagnaro. Itaqui. Fotografia analógica, São José dos Pinhais, 2012.



Figura 9. Yuri Campagnaro. O Retrato. Fotografia analógica, CIC, Curitiba. 2012. Festa com as Crianças.



Figura 10. Yuri Campagnaro. Sem Título. Fotografia analógica, CIC, Curitiba. 2012. Festa com as Crianças.

As imagens produzidas eram caminhos de me relacionar com as camaradas da militância, de registrar nossas atividades, de refletir visualmente sobre nossas ações e de propiciar momentos de interação e companheirismo com a posterior revelação das fotos, compartilhadas com as pessoas em questão pela internet ou pessoalmente. Dessa forma, na posição intermediária entre representar e transformar a realidade, entre reproduzir e construir imagens, a questão mais urgente era porquê construir e para quem.

O escritor João Antônio defendia uma literatura, e uma arte, “que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão — ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo.” (ANTONIO, 1975, p. 93). Esta arte está num entre-lugar, meio reportagem meio romance — como suas referências citadas, Truman Capote e Hemingway, o que não significa, é claro, que prescinda da técnica. A fotografia aqui tem uma ambiguidade e vocação similar.

Nesse sentido, Walter Benjamin destaca o trabalho do fotógrafo francês Atget, que buscava imagens urbanas que não fossem românticas ou majestosas, mas coisas perdidas e transviadas. A caminhada pelos cantos não turísticos da cidade, mesmo que motivados por percursos definidos em protestos e eventos políticos, possibilita uma relação parecida com o objeto, “como uma bomba suga a água de um navio que afunda” (Benjamin, 1996, p. 101), ao contrário de representações laudatórias de pontos turísticos.



Figura 11. Yuri Campagnaro. Povo na Luta. Fotografia analógica, CIC, Curitiba. 2012. Abril Vermelho.

Esse trabalho, portanto, é indissociável da prática política, a militância era sua razão de existir. Definia os caminhos, os sujeitos fotografados, os lugares e também a minha posição. Era dessa práxis que partia minha mirada, os enquadramentos, as escolhas técnicas. Por isso, apropriado o termo emprestado de João Antônio, corpo-a-corpo, entra a arte e o ativismo.

Referências

ANTÔNIO, João. Malhação do Judas carioca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1996.

CALDAS, Ana Carolina. Aniversário de Curitiba: De “cidade modelo” ao ranking das mais desiguais do mundo: para especialistas, a cidade é demarcada territorialmente para separar pobres de ricos. Brasil de Fato. 29/03/2019. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2019/03/29/aniversario-de-curitiba-de-cidade-modelo-ao-ranking-das-mais-desiguais-do-mundo> acessado em 14/11/2022.